PR1/PC

Rota da

Senhora da Ribeira

Contactos úteis

Número de Emergência Nacional - 112
Bombeiros Voluntários de Penalva do Castelo - 232 64 14 44
GNR de Penalva do Castelo - 232 64 00 70
Câmara Municipal de Penalva do Castelo - 232 640 020

Recomendações e cuidados aos caminhantes

- Não saia do trilho limitado pelo mapa;
- Use roupa e calçado confortável e adequado à época do ano;
- Não deite lixo para o chão, levando-o até ao caixote mais próximo;
- Não faça lume;
- Respeite a fauna e a flora, não recolha plantas, nem apanhe animais;
- Desfrute da natureza evitando fazer barulho;
- Seja simpático com os habitantes locais;
- Recomenda-se o uso de binóculos para a observação da avifauna;

Pindo

A freguesia de Pindo situa-se na parte Este do concelho de Penalva do Castelo, fazendo fronteira com os concelhos de Mangualde e Viseu.

Desde tempos remotos que o Homem escolheu estas terras para aí habitar. Provas destes tempos são os vestígios romanos (estações arqueológicas e vias) e as sepulturas antropomórficas existentes na igreja paroquial.

Segundo a tradição, em 1340 foi erguido por Gonçalo Esteves de Tavares um hospício para ***"(...) 24 pobres honrados ou envergonhados, ou inválidos, de honesta vida e bons costumes (...)"*** que se situava na povoação da Corga. Contudo, são quase inexistentes os testemunhos documentais que possam comprovar este facto. No princípio do século XVI, o Cadastro da População do Reino apontava a freguesia de Pindo como uma das mais povoadas do concelho.

Em 1706, era vigaria do Padroado Real e possuía 957 habitantes. Posteriormente em 1758 eram-lhe atribuídos 311 fogos, 1194 pessoas de sacramento e menores, sendo a freguesia com maior número de habitantes de todo o concelho. Neste mesmo ano a freguesia possuía 3 lagares de azeite e 9 moinhos de panificação.

Pindo foi Comenda da Ordem de Cristo e aquando da realização dos inquéritos paroquiais era comendador desta terra D. Francisco de Mascarenhas, Conde de Cocolim e membro ***do Conselho de El Rei***, que faleceu nesse mesmo ano, tendo os bens revertido para a corte a 7 de Novembro de 1758.

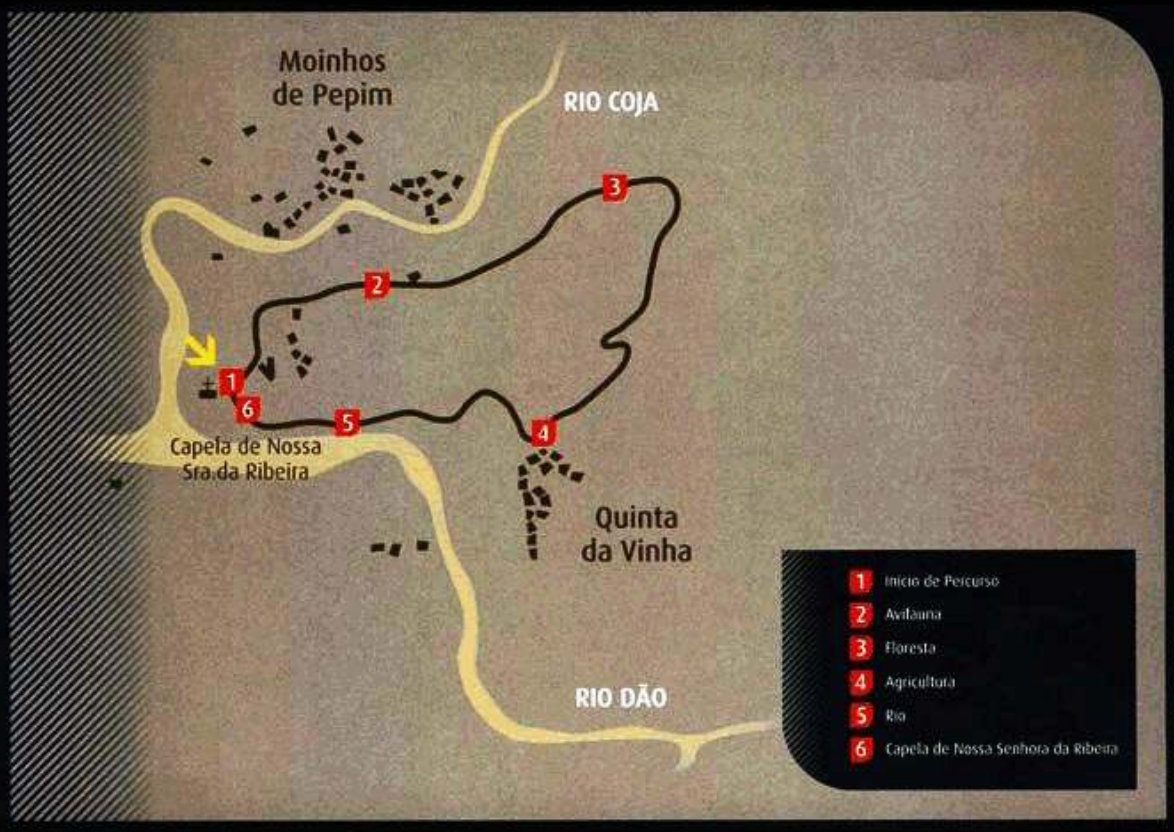
Capela de Nossa Senhora da Ribeira

Um dos seus principais templos de grande devoção é a Capela da Sr.ª da Ribeira, onde este percurso inicia. Este antiquíssimo lugar de culto foi renovado, tendo se iniciado as obras em 1703. Três anos mais tarde a 15 de Agosto de 1706 procedeu-se à trasladação da Imagem de N.ª Sr.ª, com toda a solenidade e cerimónia. Mais tarde, a 1758, o Pároco Manuel Ferreira afirmava que este templo fazia a ***"(...) sua festa a quinze de Agosto com muitas ofertas, e numero de gente (...)"***. Na segunda metade do século XX sofreu obras de restauro que lhe conferiram o aspecto actual.

Com esta rota pedestre de Nossa Senhora da Ribeira pretende-se estimular a observação do Património Natural e Monumental da freguesia de Pindo (Penalva do Castelo). O Pedestrianismo (desporto dos que andam a pé) surge-nos como um instrumento pedagógico extremamente eficaz na sensibilização de toda a comunidade para as questões patrimoniais-ambientais e no incremento da actividade turística.

Com a criação desta rota procura-se explorar outras valências culturais, ambientais e desportivas que valorizem e divulguem as potencialidades concelhias, fomentando o gosto pela natureza, a protecção do património e a articulação social entre os diversos agentes concelhios, promovendo a criação de sinergias que potenciem um renovado desenvolvimento cultural e ambiental dos Penalvenses e daqueles que nos visitam.

Procuramos acima de tudo que descubra os itinerários sugeridos, caminhando pela história de uma terra onde a força e a vontade humana moldaram a natureza e criaram uma nova paisagem.
Suba e desça, indague e procure, caminhando por veredas e trilhos palmilhados encontrando recantos pitorescos e mil lugares apaixonantes.



2

Gralha preta
(Corvus corone corone)

Pisco-de-peito-ruivo
(Erithacus rubecula)

Guarda-rios
(Alcedo atthis)

Avifauna

Toda esta área é densamente ocupada por uma vasta população de avifauna que pode ser identificada pelo canto próprio a cada espécie. Pode-se reconhecer, primeiramente, o gaio-comum (***Garrulus glandarius)***, pela sua recepção caracteristicamente barulhenta e aguda, alertando toda a floresta da chegada de visitantes. Depois pode-se ouvir a gralha-preta (***Corvus corone corone***) com canto parecido ao gaio um pouco mais grave, que repete frequentemente. O melro-preto (***Turdus merula***), de canto melodioso e melancólico, caracteriza-se por um pio limpo e sonoro, quase sempre muito vistoso, de penas pretas e bico amarelo. Possui um canto muito nervoso e insistente com chamamentos curtos e duros: TICK, como se estivéssemos a dar corda a um relógio. O pisco-de-peito-ruivo (***Erithacus rubecula***), não é nada tímido ou discreto, veste um fato tal e qual. Os adultos são facilmente identificáveis pelo seu peito e testa caracteristicamente cor de laranja. Nesta zona são observados frequentemente em topo de árvores ou arbustos junto ao rio Cöja.

É possível também escutar o canto de chapins (***Parus sp***), mais ou menos acelerado vocalizando um CHAPI-CHAPI-CHAPI, habitualmente pouco observados. O guarda-rios (***Alcedo atthis***) reproduz-se ao longo dos rios e ribeiros lentos, onde o ninho é escavado. Identifica-se facilmente pela sua grande cabeça, bico comprido e pelas cores vistosas: verde e azul brilhantes nas partes superiores e laranja avermelhado na parte inferior. É frequentemente observado empoleirado nos ramos por cima da água e debaixo de pontes. Nesta zona é visto com frequência nas proximidades do rio Cöja.

3

Carvalho-comum
(Quercus robur)

Eucalipto
(Eucalyptus citriodora)

Pinheiro-bravo
(Pinus pinaster)

Floresta

Os carvalhos (***Quercus)*** incluindo-se no grupo das folhosas caducifólias, são as espécies dominantes da maioria das florestas temperadas. A intervenção do homem vai no sentido de introduzir coníferas e exóticas nas florestas da nossa região com a finalidade de tornar a floresta produtiva do ponto de vista económico, (recolha de madeira e produção de papel para vários sectores). No entanto se deixar de existir essa intervenção humana, a floresta temperada tende a recuperar as suas características naturais, isto é, torna-se uma floresta maioritariamente com folhosas caducifólias e o carvalho é visivelmente o primeiro agente desta renaturalização.

Uma situação mais ou menos generalizada no nosso País é o investimento na Florestas de Produção, por norma, feito à base de coníferas e exóticas, neste caso os eucaliptos, devendo-se isto ao lucro a curto prazo para as povoações, contrastando com as espécies autóctones, como baixo interesse lucrativo económico, apenas viáveis em lenha ou por razões de delimitação e parcelamento de propriedades com sebes vivas.

O eucalipto (***Eucalyptus***) é uma árvore considerada exótica, de crescimento rápido, sendo muito utilizado na indústria do papel, conotada como prejudicial aos solos pela exploração excessiva de recursos como água e nutrientes. Trata-se de uma espécie muito usada em solos húmidos e que não resiste a um frio intenso.

O pinheiro-bravo (***Pinus pinaster***) encontra-se um pouco por toda esta zona, mas também aqui se verificam as alterações no povoamento florestal que nas últimas duas décadas têm ocorrido um pouco por todo o País: o pinheiro bravo, tradicionalmente a espécie mais representativa, tem vindo a ser substituído pelo eucalipto.

O pinheiro-bravo é muito pouco exigente a nível dos solos, podendo ser plantado em solos pobres, tanto calcários como arenosos, e é amplamente usado na indústria da construção, pasta de papel e produção de resina. De facto, o pinheiro-bravo, juntamente com o sobreiro (***Quercus suber***) e o eucalipto (***Eucalyptus spp***) são as três espécies de maior interesse económico. No seu conjunto, ocupam quase 75 % da área de floresta sendo que o pinheiro bravo é a espécie florestal que ocupa maior área, principalmente na região Centro e Norte Litoral do País. O pinheiro bravo é uma espécie de grande importância económica, sendo a principal fonte da indústria de serração e aglomerados.

4

Vinha

Castanha (Fruto)

Maçã (Azeitão)

Agricultura

Ao longo desta área é bem visível a presença do homem, testemunhada pela actividade agrícola que aqui desenvolve, fortemente favorecida pela dinâmica proporcionada pela interface Rio/Terra. Esta já antiga acção humana permitiu a manutenção de uma diversidade de biótopos nesta zona que por serem detentores de importantes recursos naturais, continuam a ser explorados pelo homem. Estes biótopos são ainda de grande importância ecológica, albergando uma grande diversidade faunística e florística. A preservação desta zona está, assim, intimamente dependente da manutenção destes biótopos.

Por aqui, é bem visível a ocupação do solo por uso agrícola, predominando o cultivo da vinha, macieira, oliveira e do castanheiro, ocupando uma vasta área agrícola e que são as principais actividades económicas do concelho.

A principal fonte de rendimentos, em termos socio-económicos, das gentes de Penalva provém da agricultura e das actividades a ela associadas. Destas destaca-se a pastorícia, que nos dá um dos mais prestigiantes e afamados queijos de Portugal - o Queijo da Serra.

Esta zona inclui-se numa região fértil em produtos agrícolas tradicionais de qualidade como são a Maçã Bravo de Esmolfe e o Vinho do Dão entre outros.

A Maçã Bravo de Esmolfe de sabor e cheiro inconfundível é um produto autóctone de elevada qualidade, procurado pelos paladares mais requintados.

A riqueza agrícola do concelho é actualmente mais visível pelos vinhos de grande qualidade e interesse económico que representam para esta região. Essa fama e qualidade são historicamente reconhecidas quando o Rei D. João I proibiu a venda neste concelho de vinhos originários de outros locais. Mais tarde, o Rei D. Manuel I renovou esses privilégios, demonstrando a qualidade e a importância desse néctar báquico.

5

Amieiro
(*Alnus glutinosa*)

Enguia
(*Anguilla anguilla*)

Salgueiro branco
(*Salix alba*)

Rio

Um forte contraste marca esta zona, onde o Rio Coja encontra o Dão e os concelhos de Viseu e Penalva do Castelo tem a sua fronteira. Por um lado, o Rio Coja, que mantem o seu curso natural em contraste com o Rio Dão, cujas margens e curso apresentam fortes marcas da sua utilização enquanto recurso pelo Homem. Esta área apresenta uma característica essencial que contribui para o valor ecológico deste habitat: a presença constante de vegetação ripícola nas margens do Rio Coja, como são os Salgueiros, Amieiros e as Silvas. Esta é uma característica de extrema importância para as aves aquáticas na medida em que lhes dá refugio e condições para nidificar. Encontramos uma Floresta Autóctone rica essencialmente em Salgueiro e Amieiro. O Salgueiro e o Amieiro surgem em zonas de grande disponibilidade de água, algumas das quais chegam mesmo a ter períodos de encharcamento. Estas espécies adaptam-se bem a estas características. Em termos ambientais estas espécies autoctones promovem os ciclos de reciclagem de nutrientes, protecção de sistemas agrícolas sensíveis e pode reduzir os riscos de erosão dos solos, e ainda beneficiar os regimes hidrológicos, conservando portanto a biodiversidade. O Salgueiro (género ***Salix***) e o Amieiro (género ***Alnus***) tem com habitat preferencial as planícies e zonas de grande concentração hídrica, resistindo a altos níveis de encharcamento, sendo usualmente encontrados próximo da água ou com as raízes emersas nesta. Crescem ao longo de ribeiros e rios e em florestas de caducifólias húmidas. Este tipo de vegetação, típica de zonas húmidas, revela-se muito importante para as mais variadas espécies de aves, anfíbios e artrópodes, fornecendo-lhes abrigo e alimento.

Entre a comunidade piscícola do Rio Dão encontram-se espécies migradoras como a enguia (***Anguilla anguilla***), e a boga (***Chondrostoma duriense***), o bordalo (***Leuciscus pyrenaicus***) e o pimpão (***Carassius sp.***). Também no Rio Dão a pesca tem vindo a intensificar-se ao longo dos anos o que acarreta sérios riscos de extinção para muitas espécies.

A rela (***Hyla arborea***), a rã-verde (***Rana perezi***) ou o sapo (***Bufo bufo***) realcam também a sua presença, emitindo coaxares, principalmente na época de reprodução.